

**7º Simpósio de Ensino de Graduação****O DIALETO CAIPIRA****Autor(es)**

TAMIRES DE CASTRO FRANCO

Orientador(es)

HEIDE AMARAL BEDUSCH

1. Introdução

Pode-se definir como lingüística o estudo científico da língua humana. Os lingüistas procuram estudar o que as pessoas fazem nos seus esforços para se comunicar usando a linguagem.

Uma subárea da linguística é a sociolingüística, que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde é utilizada. Se para certas vertentes da lingüística é possível estudar a língua de forma autônoma, como entidade abstrata e independente de fatores sociais, para a sociolingüística a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico.

É muito comum ocorrer preconceito quando a variante lingüística utilizada difere da padrão pelo uso de sotaques e gírias. Esse preconceito tem base na crença de que só existe uma língua: a que é ensinada nas escolas.

No Brasil, embora a grande maioria fale o português, ele apresenta um alto grau de variabilidade e diversidade. E isso se justifica por sermos o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. Daí, enquanto os “os cultos” falam uma variante bem próxima da padrão que aprenderam na escola, o restante fala uma variedade não-padrão da língua portuguesa, considerada errada pelos primeiros. Há também inúmeras variantes relativas à pronúncia.

Só para se ter uma idéia, aqui no Sudeste falamos “tchitchia” (como em “tcheco”), para a palavra “titia”. Mas, quando uma situação parecida ocorre com um nordestino, que diz “oitcho” ao invés de “oito”, é considerado “engraçado”, “ridículo”, “errado”. Com a palavra colégio, por exemplo, ocorre o mesmo. Um pernambucano diz “cólégio”, um paulistano diz “côlégio” e um carioca diz “culégio”.

Não está errado. São variações de região para região de uma mesma língua. Assim como não é errado falar bêjo, minino, tisora, cobertô, etc. Existe uma enorme tendência de se acreditar que se deve pronunciar do jeito que se escreve.

É óbvio que se deve escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode obrigar as pessoas a falar também, porque a língua é viva, ela está em mudança constantemente.

A falada “língua brasileira” vem a ser um produto típico da precariedade da distância de Portugal, de um lado “complexo de inferioridade de antiga metrópole que perdeu a colônia, mas continua a olhá-la por cima”, de outro, complexo de inferioridade de colono que sente a necessidade de viver gritando que é emancipado e não dá mais satisfações a ninguém.

Do lado de lá, a afirmação de que aqui nunca existirá uma língua brasileira; e do lado de cá, de que ela já existe.

Com efeito, a natureza e a vida do Brasil, completamente diferente da vida em Portugal, exigiram a criação de termos e expressões novas e até mesmo de alterações gramaticais. O tupi não tinha os fonemas f, l e r. Também não conhecia grupos consonânticos formados com essas letras e isso trouxe uma grande modificação fonológica e morfológica no linguajar português. De outro lado, os idiomas africanos não deixaram de exercer sua contribuição para a modificação da língua.

Os portugueses eram muito preconceituosos em relação à cor ou raça, mas não havia aversão sexual do branco em relação ao índio ou ao negro; esse preconceito não implicava a segregação e não evitava a interpenetração étnica. Como consequência, houve o cruzamento intenso das raças a ponto de irem desaparecendo rapidamente do Brasil os negros e índios.

A constante imigração de espanhóis, franceses, alemães, eslavos, sírios, entre outras raças, fez com que o Brasil se distanciasse cada vez mais da língua que nos colonizou. Esses enxertos, condições climáticas e vários outros fatores, foram consequência da formação

de várias gírias e expressões que são originárias da linguagem popular. Depois da língua nova modificada, surgiu também a literatura nova.

O dialeto caipira, por sua vez, não tem data certa de quando foi “inventado”. Sabe-se que quando os portugueses aqui chegaram, falavam português, e que no nosso litoral existia apenas índios que falavam sua própria língua. Com o passar dos anos, foram chegando mais colonos, e com isso foram alfabetizando os índios que aqui viviam. Nesse meio tempo, muitas coisas aconteceram no âmbito mundial: revoluções, independências, invasões e guerras.

2. Objetivos

O trabalho visa estudar a variação lingüística específicas da “variante caipira” utilizada na região de Piracicaba que no passado tinha a economia voltada à atividade rural, fazendo um levantamento do vocabulário típico utilizado pelos falantes dessa variante.

O dialeto se restringe a pequenas regiões, como vilarejos e cidades pequenas onde o regime ainda era totalmente rural e aos falantes mais velhos.

3. Desenvolvimento

Para desenvolver esse trabalho levamos alguns critérios em consideração. Um deles foi examinar a marcha da colonização e fazer a opção por uma localidade que estivesse dentro da “zona velha”.

A cidade de Piracicaba é considerada uma das regiões onde o dialeto caipira tem um grande vigor, tanto na área rural, quanto urbana. Nessa região, principalmente em Ártemis e Ibitiruna, mantinha-se uma agricultura de semi-subsistência da cultura caipira, como a plantação de feijão, arroz, milho e algodão.

Mas isso mudaria quando a cana-de-açúcar começou a tomar seu espaço na região e com a grande quantidade de imigrantes italianos que vieram para cá em busca de trabalho nas usinas. Começaria aí o denominado êxodo rural, pois com a expansão da plantação de cana, as grandes usinas foram comprando as terras, e seus proprietários, pessoas simples, ou ficavam e trabalhavam nas usinas, ou se mudavam para a cidade à procura de moradia e emprego.

O levantamento do vocabulário descrito abaixo foi feito a partir de uma pesquisa na Internet e confirmado por alguns próprios falantes nativos de Piracicaba.

4. Resultado e Discussão

Véia carçuda: Mãe (Como vai a sua véia carçuda?)

Cornetear: Falar alguma coisa de outra pessoa , algo parecido com "fofoca". (Ex.: O Marcio estava corneteando o Fábio ontem)

Póde Erguê: Não vou fazer , nem pensar, de jeito nenhum. (Ex.: Preciso que você vá a pé até a cidade. - Póde Erguê que eu vô !!!!)

Quaiá o Bico: Dar muita risada . (Ex.: O pião tomou um capote e eu quaiiei o bico !!!)

Vô chegando: Ao contrário do que parece, é utilizado quando você vai embora , está saindo. (Ex.: Bom pessoal a festa tá boa , mas vô chegando !!)

Farfanho: Entrou meio na lateral. (Ex. Estacionei de farafanho na rua.)

Erguida: Levar uma bronca . (Ex.: Quebrei o prato e tomei a maior erguida da mãe !!!)

Dormiu: Tudo aquilo que se encaixa perfeitamente .(Ex.: O guarda-roupa que ganhei dormiu na parede do quarto.)

Espeloteada: Pessoa elétrica que tem temperamento forte, birrenta. (Ex.: Essa menina é muito espeloteada !!!!)

Fiótão: Pessoa menos preparada, sem experiência, meio bobo. (Ex.: Olha lá a besteira que ele fez !!! Só podia ser fiótão mesmo.)

Muquiado: Ficar escondido no canto, na espreita. (Ex.: O João fico muquiado a noite toda pra pegá a mulher dele no flagrante !)

Chovendinho: Dia ou noite com chuva fraca, quase uma garoa. (Ex.: O cara tomou um capote porque tava chovendinho !!!)

Forfé: Bagunça, agitação. (Ex.: Fui no baile e tava o maior forfé !!!)

Namorandinho: Estar com alguém, namorar firme. (Ex.: O Fábio está namorandinho a Joana !!!!)

Samiá: O mesmo que semear, espalhar algo. (Ex.: O Zé foi no quintal samiá o milho.)

Morgá: Não fazer nada, ficar parado como um lagarto no sol. (Ex.: Hoje não tô com vontade de fazer nada, vou morgá o dia todo.)

Pórva: Pessoa ou coisa que não presta, que não tem qualidade. (Ex.: Comprei uma calça jeans marca pórva mesmo.)

Paroqueada: Conversa mole, papo-furado, conversa sem interesse. (Ex.: Ah !! O Mané fica no bar a tarde toda só na paroqueada com os outros.)

Castelá: Dar em cima de uma garota. (Ex.: Vô castelá aquela loirinha ali ! !)

Manguaça Véia: Expressão utilizada normalmente quando um indivíduo sofre uma queda ou um tropeção por qualquer motivo. (Ex.: Eh!!! Caiu de novo manguaça véia ???)

Azesquerda ou Asdereita: Termos utilizados normalmente para definir direções a serem tomadas em algum caminho. (Ex.: Você então vira azesquerda e depois asdereita e segue em frente.)

Vaidalá: Termo utilizado para informar que um caminho te levará onde você quer ir. (Ex.: E se eu pegar a Rua Mascaranhas Camelo , vaidalá ??? - Ahh vaidalá também!!!)

Pare com isso: Termo utilizado largamente em todo tipo de conversa, expressa solicitação veemente. (Ex.: Você é um gato sabia !?? Não fale isso, pare com isso !!!)

Fumo: Verbo. Conjugação do verbo "ir". (Ex.: Nós fumo lá ontem.)

Drento: Indicativo de local/lugar. (Ex.: O material está "drento" da caixa.)

Subir lá em cima / Descer lá em baixo: Reforço de afirmação. (Ex.: Eu subi lá em cima pra pegar as caixas e depois eu tive de descer tudo lá em baixo !!!)

Vielá: Expressão comum usada em afirmações. (Ex.: Eu vielá hoje.)

Cê vá i?: Pergunta: Você vai a tal lugar?

Eu vô í!: Resposta da pergunta acima.

5. Considerações Finais

Mesmo falando dessa maneira própria, “pessoas cultas” compreendem perfeitamente o que é dito numa conversa com um falante da língua não-padrão. Exceto quando as pessoas usam gírias locais, que muitas vezes têm significados diferentes, dependendo do local, ou são completamente desconhecidas para a outra pessoa. Mas, como dito anteriormente, existe um enorme preconceito também, e a maioria das pessoas faz piada, dá risada (nas costas ou na frente da outra pessoa mesmo). As pessoas precisam começar a perceber que a língua muda e acabar de vez com o preconceito lingüístico.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos, Preconceito Lingüístico, Edições Loyola, 1999.

<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/S/sociolinguistica.htm>

<http://pensamentododia.web-log.nl/pense/2008/05/dialetto-caipira.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica>